

“So le trar”: uma leitura da imagem e pertencimento na identidade feminina

“So le trar”: a reading of image and belonging in female identity

“So le trar”: una lectura de imagen y pertenencia en la identidad femenina

Recebido: 08/09/2022 | Revisado: 15/10/2022 | Aceitado: 14/12/2022 | Publicado: 24/12/2022

Marcos Vinicius Ferreira Correa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7891-7607>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Brasil

E-mail: mvfc20@hotmail.com

Epaminondas de Matos Magalhães

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6070-219X>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Brasil

E-mail: epaminondas.magalhaes@ifmt.edu.br

Marcia de Souza Damasceno

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8295-8690>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Brasil

E-mail: marcinhadama@live.com

Camila Karen Menezes e Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8305-9005>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Brasil

E-mail: camillaiansa@gmail.com

Resumo

Na identidade da mulher, o pertencimento ao chamado universo feminino, tanto na esfera privada quanto na pública, está intrinsecamente relacionado aos fatores de quebra de paradigmas e de promoção da igualdade de gênero. Por isso, neste estudo, através de um entrelaçamento de *corpus*, se propõe a realizar uma reflexão aprofundada quanto a tal questão. Por isso, para pensar cidadania em um viés pós-crítico, utilizamos dos conceitos de “estrangeiro” e “hospitalidade” de Jacques Derrida. Além disso, na pesquisa foi elementar entender a definição de espaço, concepção emblemática do pensamento e do conhecimento geográfico, por meio dos pós-estruturalistas Homi Bhabha, Joaquim Dolz e Doreen Massey. Quanto ao terreno interpretativo, utilizou-se as abordagens pós-críticas e pós-fundacionistas de Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo. Foi um estudo de abordagem bibliográfica e documental, que se realizou com o método indutivo; na qual se objetivou uma reflexão acerca da imagem e do pertencimento na identidade feminina. Conclui-se que a leitura de textos escritos e de imagens, assim como a literatura, são ferramentas significativas de construção da identidade e do empoderamento feminino.

Palavras-chave: Identidade Feminina; Pertencimento; Leitura.

Abstract

In the woman's identity, belonging to the so-called feminine universe, both in the private and in the public sphere, is intrinsically related to factors that break paradigms and promote gender equality. Therefore, in this study, through a corpus interweaving, it is proposed to carry out an in-depth reflection on this issue. Therefore, to think about citizenship in a post-critical perspective, we use the concepts of “foreigner” and “hospitality” by Jacques Derrida. In addition, in the research, it was elementary to understand the definition of space, an emblematic conception of geographic thought and knowledge, through the post-structuralists Homi Bhabha, Joaquim Dolz and Doreen Massey. As for the interpretative field, the post-critical and post-foundationist approaches of Alice Casimiro Lopes and Elizabeth Macedo were used. It was a study with a bibliographical and documentary approach, which was carried out using the inductive method; which aimed to reflect on the image and belonging in the female identity. It is concluded that the reading of written texts and images, as well as literature, are significant tools for the construction of identity and female empowerment.

Keywords: Feminine Identity; Belonging; Reading.

Resumen

En la identidad de las mujeres, la pertenencia al llamado universo femenino, tanto en el ámbito privado como público, está intrínsecamente relacionada con factores que rompen paradigmas y promueven la igualdad de género. Por ello, en este estudio, a través de un entrecruzamiento de corpus, se propone realizar una reflexión en profundidad sobre este

tema. Por lo tanto, para pensar la ciudadanía en una perspectiva poscrítica, utilizamos los conceptos de “extranjero” y “hospitalidad” de Jacques Derrida. Además, en la investigación fue elemental comprender la definición de espacio, concepción emblemática del pensamiento y del saber geográfico, a través de los postestructuralistas Homi Bhabha, Joaquim Dolz y Doreen Massey. En cuanto al campo interpretativo, se utilizaron los enfoques poscríticos y posfundacionistas de Alice Casimiro Lopes y Elizabeth Macedo. Fue un estudio con enfoque bibliográfico y documental, el cual se realizó mediante el método inductivo; que tuvo como objetivo reflexionar sobre la imagen y la pertenencia en la identidad femenina. Se concluye que la lectura de textos escritos e imágenes, así como la literatura, son herramientas significativas para la construcción de la identidad y el empoderamiento femenino.

Palabras clave: Identidad Femenina; Pertenencia; Lectura.

1. Introdução

Em um contexto etimológico, soletrar tem no seu significado, uma leitura de maneira a pronunciar espaçada e ininterruptamente as letras de uma palavra, reunindo-as em sílabas, ler sem pressa, ler aos poucos e ler pausadamente. O mundo tem nos ensinado totalmente o contrário, o imediatismo, e a velocidade exacerbada tem impedido uma leitura mais compassada do mundo e de si.

A vida cotidiana que o universo feminino está imerso, se constitui de representações que organizam variados modos de pensar, agir e se posicionar diante da realidade. É nessa cotidianidade que se deve apropriar de diversos tipos de conhecimento que são adquiridos espontaneamente, em um ir e vir contínuo, no contexto das relações sociais.

Quando se fala em uma leitura do pertencimento na identidade feminina, busca-se sua importância com a quebra de paradigmas e a percepção do destaque da igualdade de gênero nas organizações, em ambientes de estudo e pesquisa e nas relações sociais como um todo. Falar sobre o assunto, de forma consciente e reflexiva, é fundamental para ratificar essa verdade, onde propõe a exposição desse estudo.

Nesta discussão, lançamos mão das ideias de estrangeiro e hospitalidade em Derrida (2003), para pensar a cidadania em um viés pós-crítico diferencial; e, tomando o espaço como concepção emblemática do pensamento e conhecimento geográfico, acionamos estudos pós-estruturais de autores como Bhabha (2001), Doel (1999) e Massey (2008), para projetar possibilidades de leitura da relação com o espaço em um registro não essencialista. Assumimos, como terreno interpretativo, as abordagens pós-críticas e pós-fundacionistas de Lopes e Macedo (2011). No entrelaçamento desse corpus, o projeto possibilita um exercício de reflexão sobre as oportunidades de dilatação da teoria curricular, marcadamente pós-crítica e pós-estrutural, por meio de aportes de discussões pós-estruturais desenvolvidas na Geografia.

Isso é feito com vistas a cogitar uma cidadania radical, marcada por processos plurais de significação e acolhimento na relação com a alteridade. Estrategicamente voltado a uma abordagem bibliográfica, este texto desenvolve, inicialmente, discussão sobre a distinção trazida pela leitura pós-estruturalista com especial atenção para a reedição da linguagem como opacidade, para o descentramento da ideia de estrutura como fundamento, e para as práticas de significação como exercícios de poder.

Em seguida, com a incorporação dessas discussões, destacamos estudos pós-estruturais de Lopes e Macedo para o pensamento curricular, tendo em vista a abordagem ao currículo como não sendo determinado por essencialismos, mas como produzido por intermédio de articulações discursivas que constroem verdades contextuais. Apropriando a concepção de Macedo (2006) sobre o currículo.

A partir das discussões de Macedo, atentos à teorização pós-estrutural de Massey (2008) sobre o espaço, buscando associá-la à reflexão curricular. A partir do entrelaçamento desse corpus teórico procuramos introduzir possibilidades de conjecturar, no âmbito das discussões pós-estruturais, contribuições para pensar a cidadania como causada por um outro cidadão.

2. Metodologia

Quanto a abordagem metodológica foi utilizada a princípio a pesquisa bibliográfica ao pautar-se nos estudos já desenvolvidos e para reter fundamentação teórica viabilizando uma égide mais aprofundada do assunto com usos de artigos de revistas científicas. Considera-se também para a relevância do escrito, a pesquisa documental, tendo em vista que “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (Gil, p. 51, 2008).

Utilizamos ainda o método indutivo, um método empirista, o qual considera o conhecimento como baseado na experiência; a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta e são elaboradas a partir de constatações particulares, tão relevantes e significativos para a observação, reflexão acerca da imagem e pertencimento na identidade feminina.

3. Resultados e Discussão

A Leitura e o seu impacto através de imagem

É imprescindível que a leitura exerça um papel primordial de impacto positivo na vida de todo ser humano. Qual é o sentido da literatura para a formação de uma pessoa? Antônio Candido, em seu texto que trata do tema “direitos humanos e literatura”, oferece um possível argumento a essa pergunta. O escritor defende que a literatura é um direito de todos os seres de todas as classes sociais, uma vez que “corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza.” (Candido, 2011, p. 186). O poder formador da literatura, desse modo, tem o potencial de humanizar:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2011, p. 180, grifo do autor).

Propiciar um ambiente de contato com a literatura desde cedo é o ideal para o início da formação leitora de uma criança, porém, para grande parte das crianças brasileiras, o primeiro contato com a literatura se dá justamente na escola. As famílias muitas vezes pouco estimulam seus filhos a ler e vários podem ser os fatores que contribuem para isso, entre esses, a total ausência de uma intimidade dessas famílias com a prática leitora.

Porém, detenhamos nossa atenção na escola, porque ela acabou recebendo uma atribuição de introduzir o ambiente literário para as crianças que chegam na idade escolar, e considerando a especificidade da escola pública, essa é uma tarefa carregada de desafios. Uma criança leitora e bem formada, certamente será um adulto seguro, fortalecido e inculturado.

Entretanto, quando se refere ao ato da leitura vai muito além do reconhecimento das letras e das palavras, pois podemos fazer a leitura das milhares de informações que nos rodeiam todos os dias, dessa forma, “[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, conforme Freire (2002, p. 11). Essa leitura nos dá os conhecimentos prévios para que possamos interagir no mundo em que vivemos facilitando a comunicação.

Assim, no ambiente escolar, a leitura vai muito além de uma simples figura inserida para que o estudante faça a observação do que está vendo. Ela é a leitura do mundo que aquele estudante possui, a mistura de sua vivência pessoal e do que o autor da figura, desenho, foto ou pintura quer passar para quem vai apreciar o que está ao alcance de seus olhos, cabendo ao leitor diante das suas percepções imprimir os seus sentidos e valores.

Em decorrência disso, a imagem insere o estudante no mundo da leitura, pois “podemos passar a chamar de leitor não

apenas aquele que lê livros, mas também o que lê imagens”, conforme Santaella (2012, p. 9). Destacamos que o uso da imaginação, do lúdico faz as crianças buscarem o conhecimento guardado em sua mente, dando ferramentas para que tenham opiniões e atitudes próprias, tornando-se capazes de construir e elaborar conhecimento através da releitura que fazem do mundo ao seu redor.

Consequentemente, percebemos que a leitura de imagens traz diversas possibilidades para que o estudante use o seu imaginário e sinta prazer e deleite na busca do conhecimento e aprendizagem. Podemos dizer que esse é o primeiro momento em que o estudante se vê cara a cara com a leitura e deve ser muito extremamente prazeroso e estimulante, tanto para o estudante como para o professor, para que, a partir desse contato, encontre na leitura algo bom e prazeroso, assim vai ser construído o vínculo entre a criança e a leitura e por conseguinte imbuídos a prática de leitores críticos.

Porém, sabemos que ler e escrever deve ser uma prioridade essencial no processo de aprendizagem em todos os sistemas de instrução. Por isso, o desenvolvimento da leitura e da escrita tem sido uma preocupação constante, pois, ler não se limita a decodificar signos alfabéticos. De acordo com Dolz & Schneuwly (2004) compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais, psicológicas e mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem. Aprender a ler, lendo todos os tipos de texto trata-se de incentivar a leitura de todos os gêneros textuais:

Do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada. Do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura diversificadas é um passo enorme para a autonomia do aluno. Essa autonomia é importante para vários tipos de desenvolvimento, como o cognitivo, que permite estudar e aprender sozinho; o afetivo, pois a leitura está ligada também ao sistema emocional do leitor; finalmente, permite desenvolver a capacidade verbal, melhorando o conhecimento da língua e do vocabulário e possibilitando observar como os textos se adaptam às situações de comunicação, como eles se organizam e quais as formas de expressão que os caracterizam. Dessa forma, o professor deve preparar o aluno para que, ao ler, aprenda a fazer registros pessoais, melhore suas estratégias de compreensão e desenvolva uma relação mais sólida com o saber e com a cultura. (Dolz & Schneuwly, 2004, p. 34).

Sendo assim, não basta que o estudante decifre palavras, identifique informações presentes no texto ou leia em voz alta, é necessário que compreenda o que escreve e lê. Para isso, é importante que os estudantes aprendam a relacionar, hierarquizar e articular informações com a situação de comunicação e com o conhecimento que possuem, uma vez que devem ler as entrelinhas que o texto pressupõe, sem que as informações estejam expostas explicitamente.

Nada obstante, deixar o estudante à vontade para estudar as imagens, criando um espaço adequado para a posse de saberes e para socializar o que sabe e o que aprende com seus colegas, deve ser uma das atribuições do professor mediador, impelindo e permitindo aquele estudante que questiona à sua maneira, possibilitando e se atentando nas suas dúvidas e inserindo suas próprias interpretações diante do que visualiza, para que a prática do conhecimento não seja paralizado, forçado e taxado como sendo algo imorredouro, pois cada um tem sua forma particular de ver as coisas, atribuindo significações diferentes ao que vê e essa é uma das premissas de uma educação emancipatória.

Bem como, quando se insere o estudante em contato com as variadas aparências de ler imagens, isso possibilitará que o estudante tenha autonomia e progrida seu “capital cultural”, desdobrando competências em diversos campos de conhecimento. Viabilizando para cada tipo de imagem, de uma maneira personalizada de ensinar e trazendo o que tem de mais relevante, mostrando as técnicas, o valor artístico e até mesmo o emocional de cada um dos tipos de imagem que ampliam a sua capacidade de visão de mundo.

A emoção e os estados emocionais estão presentes na vida e no organismo de todos os seres humanos. Sua diferenciação e classificação se faz possível, basicamente, por meio da consciência que, através da linguagem torna possível a compreensão, a decodificação, a nomeação das emoções produzidas e vividas pelo ser.

Em se tratando de uma leitura de imagem, persistem muitos fatores que desequilibram a busca de conquistar a igualdade entre gêneros, sendo que um destes, é o fator publicitário na imagem da mulher. Destacam-se as campanhas publicitárias envolvendo produtos direcionados ao público masculino, que geralmente estampam mulheres, consideradas em sua maioria massivas enquanto padrão de beleza. Em contraponto, destacam-se as propagandas que envolvem produtos de limpeza, que remetem diretamente à figura da mulher madura, com vestes discretas, lembrando o papel da "dona de casa".

Daí se extrai a forma depreciativa de como a mídia expõe a imagem das mulheres, com o intuito de agradar o imaginário social, especialmente o público masculino, designando padrões e funções a serem desempenhadas. Contudo, faz-se necessário estimular e fomentar a utilização da leitura e literatura como ferramentas de construção da identidade e do empoderamento feminino.

Confirmando assim, a importância das diferentes vozes literárias e discussões para o empoderamento feminino: "Mulheres escrevem sobre tudo e em todos os gêneros. E dar visibilidade para mulheres autoras também incentivar outras mulheres a encontrar sua voz literária." E mesmo que não queira ser publicada, é importante para a mulher ser dona de sua narrativa. Existe a necessidade de inserir a leitura de obras produzidas por mulheres nas escolas e na sociedade, uma vez que isso possibilita que os alunos e cidadãos tenham contato com temas que muitas vezes estão excluídos dos currículos escolares, da cotidianidade e dessa maneira, há contribuição que enriquece intelectualmente e culturalmente.

A cotidianidade na busca da identidade

O filósofo tcheco, Karel Kosik, fazendo o uso do conceito de "pseudoconcreticidade", explica-nos esta situação apontando que a realidade na qual se vive cotidianamente, é uma realidade "fetichizada", e que se realiza através dos fenômenos (representações), pois tal realidade se consubstancia pelo que é aparente, ou seja, o senso comum, produzido pela práxis humana e histórica através das representações sociais e simbólicas, o que acaba por ocultar a essência, que é a totalidade concreta ou a própria concreticidade.

Posteriormente, o autor ainda confirma que essa realidade se faz por intermédio de prática utilitária cuja finalidade é dar ao homem o necessário imediato. O homem aceita a realidade, da forma como se apresenta, sem questioná-la, sentindo-se à vontade na sua cotidianidade. Ao homem comum basta aquilo que ele entende, por intermédio desta prática utilitária.

Kosik (1989, p.) nos fala que

o mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro, de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência, e ao mesmo tempo a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive graças ao seu contrário.

A essência não se dá de imediato e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é. A essência se manifesta no fenômeno, o fato de se manifesta no fenômeno revela seu movimento e demonstra que a essência não é inerte, nem passiva. Justamente por isso, o fenômeno revela a essência. A manifestação da essência é precisamente a atitude do fenômeno. (Kosik: 1989. p.11).

No contexto do mundo fenômeno, o mundo da pseudoconcreticidade, considerado como imaginário social, de produção social, vai sendo internalizado na medida em que vai sendo vivenciado, captando e fixando aspectos fenomênicos da realidade através das noções criadas por intermédio das representações. Afirma assim o autor:

Nesta práxis se forma tanto o determinado ambiente material do indivíduo histórico, quanto a atmosfera espiritual em que a aparência superficial da realidade é fixada como o mundo da pretensa intimidade, da confiança e da familiaridade em que o homem se move "naturalmente", e com que tem de se avir na vida cotidiana. (Kosik, 1989, p.11).

A cotidianidade é um processo que possui um ritmo de ação e de vida, que é geralmente habitual, mecânico e instintivo. Sendo este processo histórico, a realidade na sua cotidianidade necessita ser desvelada para que assim a alienação com que é vivido este cotidiano possa ser superada. Para Kosik, a verdade da realidade não pode ser apenas representada pelo homem, tem que ser praticada pelo homem. (Kosik, 1989, p. 78). Para as mulheres, existem especialmente muitas formas de se praticar a realidade: seja por meio do contar de histórias (Santana Dias, 2020). Quanto às mulheres negras, as tranças afro podem ser instrumento de reforço da identidade feminina e racial (Ferreira, 2021), inclusive servindo de contraponto aos movimentos da chamada ditadura da beleza (de Assis; Veloso & Batinga, 2022).

Porém, já nascemos imersos neste contexto e é dentro dele que aprendemos a interagir com o mundo. Não obstante, é neste mesmo contexto que aprendemos a reproduzir, legitimando a lógica dominante que nos é dado como sendo a única verdadeira, pois desde cedo somos submetidos a todo um processo de "inculcação" - habitus (no dizer de Bourdieu) - que é o

sistema de disposições inconsistentes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos, e de uma determinação do futuro objetivo e das esperanças objetivas, tende a produzir práticas e, por sua via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas." (Bourdieu, 1998, p. 202).

Neste sentido, cabe pensar em uma outra característica da cotidianidade: a generalidade, que é a possibilidade de desenvolvimento das características gerais do ser humano, daquilo que é intrinsecamente humano, isto é, o humano-genérico, que se manifesta no "eu individual", atribuindo-lhe papéis e funções específicos por motivações particulares, mas que são atividades humanas na sociedade na qual este eu individual está imerso.

Positivando o pertencimento feminino, destacam-se a identidade, metamorfose e emancipação, como propósitos de compreensão do sentido da vida e do vir a ser, como solidificação na construção social do pertencimento genuíno, focalizar a condição da mulher, suas determinações sócio-históricas e as revelações que a identidade, assim constituída, podem fazer para explicitar o contexto sociocultural hoje vivido.

Isto posto, é por intermédio da memória que se constrói a identidade, é no exercício de rememorar que vai se tecendo a teia das histórias pessoais e coletivas, até porque a memória social é expressão das experiências coletivas. Rememora-se não somente o vivido individual, mas todo um contexto que é delegado pelas mais diversas memórias, pois na dinâmica interativa da cotidianidade, sempre são deixadas as marcas que acabam por sustentar nossa própria memória, portanto, a nossa identidade.

Como diz Halbwachs, "nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque na realidade, nunca estamos sós. (Halbwachs, 1990, p.26). Não estamos sós, pois vivemos em um mundo que é primordialmente social, e é no convívio que vamos construindo as nossas memórias e, portanto, as nossas identidades.

Contudo, creia-se que os sentimentos de pertencimento e identidade são as alavancas que darão início no despertar nas pessoas, reflexões sobre o mundo, sobre as próprias atitudes e sobre a memória feminina. Com essas reflexões torna-se possível que elas olhem mais para si e transformem seu modo de pensar e viver, conduzindo a vida de uma forma em que o respeito prevaleça, que o amor transborde e inspire, tornando-a mais tranquila e suave em meio aos atropelamentos do dia a dia.

4. Conclusão

Nos tempos atuais, faz-se importante a temática, com o propósito de salientar e endossar a cultura da identidade e pertencimento no universo feminino. Toda a humanidade é impelida para refletir e agir em defesa da mulher. Somos gerados por elas, a essência de todo "homem" vem da mulher e, esse deveria ser o principal atributo para que se tenha na memória de toda a humanidade, o "seu eu", na pertença feminina, refletindo essa própria identidade.

Vale ressaltar, que quando se é possível perceber as dificuldades dentro dos mais variados ambientes, dentro de uma sala de aula ou outro ambiente formativo, deve-se ter em mente a presença de um SER HUMANO, que significa uma unidade e uma totalidade. Todas as pessoas que estão envolvidas dentro do ambiente formativo educacional são seres vivos como quaisquer outros, logo entende-se que temos limitações e fraquezas, e contudo, precisamos encontrar ações positivas diante das reflexões, para que gerem ações.

Na forma utópica de soletrar a identidade e o pertencimento na identidade feminina, a intenção é que esta prática se desdobre para todas as vidas em uma espécie de utopia. E vale ratificar, que a utopia não é aquilo que não se pode realizar, mas, o que ainda não está no seu lugar devido, do grego "ou", "não" ou prefixo de negação e "topos", "lugar", tem, como significado um lugar ideal que não é no agora, mas que pode ser construído no futuro.

E esse futuro precisa ser no presente. Nesse ínterim, acredito que conduzir a vida de uma forma em que a informação aconteça, a leitura seja uma realidade, o diálogo prevaleça, que o amor transborde e inspire, são alternativas para que os sentimentos de pertencimento e identidade sejam despertados, tornando a vida mais leve e suave em meio aos atropelamentos do dia-a-dia.

No entanto, conclui-se que cotidianamente, a mulher protagonista, busca reunir as condições específicas para relatar e avaliar fatos que podem projetar uma compreensão mais refinada sobre os modos de ser que vêm determinando. Desde então, a identidade feminina com suas coerências e contradições, visa explicitar o contexto sociocultural no qual se circunscreve o sujeito estudado, eleva-se a condição de apuro no olhar sobre fatos de que se aprendeu apenas pela história. Assim, a formação da identidade da mulher, contribui para revelar sobre pertencimento, sobre a sociedade contextualizada, sobre as formas simbólicas, sua recepção e interpretação da condição hermenêutica.

Sendo assim, sugerimos que para as indicações de trabalhos futuros, sejam moldados em análises a tratar a significativa expressão que a mulher exerce em nossa sociedade e o quanto ainda precisam de espaço, vez e voz. Já diz a canção: "E eis que de repente ela resolve mudar. Vira a mesa, assume o jogo, faz questão de se cuidar (uhul!)". Desconstruindo Amélia (Pity).

Referências

- Aguiar, V. T.; Bordini, M. da G. (1993) *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Rio Grande do Sul: Mercado Aberto. (Não consta no texto essa referência)
- Assis, P. R., Veloso, C., & Batinga, G. L. (2022) Ditadura da Beleza: Corpo, Identidade Feminina e Cirurgias Plásticas. *Revista Organizações em Contexto*, 18(35), 77-97.
- Bhabra, H. (2001). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG
- Bourdieu, P. (1998) *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Candido, A. (2011). O direito à Literatura. In Candido, A, *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul.
- Cunha, Eugênio. (2012). *Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. Rio de Janeiro: Wak. (Não consta no texto essa referência)
- Damásio, A. (2000). *O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de Si*. São Paulo: Companhia das Letras. (Não consta no texto essa referência)
- Derrida, J. (1992). *Adieu à Emmanuel Lévinas*. Paris: Galilée, 1997 (Adeus a Emmanuel Lévinas. São Paulo, Perspectiva, 2004)

- Doel, M. (1999). *Poststructuralist Geographies: the diabolical art of spatial science*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Dolz, J., Noverraz, M., & Schneuwly, B. (2004). Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento In *Gêneros orais e escritos na escola* (pp. 95-128). Campinas: Mercado de Letras.
- Ferreira, L. R. (2021). *Tranças afro: identidade feminina negra e cultura visual no ensino fundamental*.
- Freire, Paulo. (2002). *A Importância do Ato de Ler: em Três Artigos Que se Completam*. São Paulo: Cortez.
- Gil, A. C. (2006). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gil, Antônio Carlos. (2008). *Métodos e Técnicas de pesquisa Social*. 6 ed. São Paulo: Atlas.
- Halbwachs, M. (1990). A memória coletiva. São Paulo: Edições vértice. *Editora Revista dos Tribunais Ltda*.
- Kosik, K. (1989). *Dialética do concreto*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Massey, D. Geographies of solidarities. (2008.) In: Clark, N.; Massey, D.; Sarre, P. *Material Geographies - a world in the Making*. SAGE Publications Inc., Milton Keynes/UK,
- Lopes, A. C.; Macedo, E. (2011). *Currículo: debates contemporâneos*. 2 Ed. São Paulo
- Minayo, M. C. S. & Sanches, O. (1993). Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*. 9(3), 239-48 (Não consta no texto essa referência)
- Santaella, Lúcia. (2012). *Leitura de Imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- Santana Dias, M., & Santos, B. T. O. (2020). Contaçon de histórias e a identidade feminina. *A Cor das Letras*, 21(2), 131-141.